

# A tradição textual do *Convívio* de Dante Alighieri

## *The textual tradition of Convivio of Dante Alighieri*

Emanuel França de Brito\*  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil

**Resumo:** Tendo sido anunciada para o início de 2018 a publicação da minha tradução do *Convívio* pelo selo *Penguin Clássicos Companhia das Letras*, apresento neste artigo o histórico de transmissão do texto de Dante, desde os códices manuscritos às mais recentes edições italianas que serviram de base para a tradução e para o seu aparato crítico. Por ser esse o texto dantesco que mais provoca discussões quanto ao seu (re)estabelecimento, a tradução se dá a partir da edição crítica de Franca Brambilla Ageno (1995), ressaltando-se aqui a importância de observar a discussão filológica no campo dos estudos dantescos feitos no Brasil.

**Palavras-chave:** Dante Alighieri. Transmissão textual. Crítica textual.

**Abstract:** Having been announced for the beginning of 2018 the publication of my translation of *Convivio* as part of the *Penguin Classics Companhia das Letras* collection, I present in this article the history of the transmission of the text of Dante, from manuscript codices to the most recent Italian editions that served as basis for the translation and for its critical apparatus. Because this is Dante's text that most provokes discussion about its (re)establishment, the translation derives from the critical edition of Franca Brambilla Ageno (1995), emphasizing the importance of observing the philological discussion in the field of the studies about Dante made in Brazil.

**Keywords:** Dante Alighieri. Textual tradition. Textual critique.

FLP 19(2)

## 1 INTRODUÇÃO

Nenhum dos códices que contenham obras de Dante Alighieri é seu autógrafa, e o *Convívio*, obra composta entre 1304 e 1308, está entre aquelas que mais provocam discussões quanto ao restabelecimento do seu texto<sup>1</sup>. Em comparação às outras obras, nenhuma delas padece de tantas polêmicas filológicas ao longo de sua tradição crítica; essas divergências derivam do provável estado em que o texto chega às mãos do seu primeiro “editor”, isto é, como uma obra em curso, passível de reconsiderações e dificilmente em condições de uma publicação. Essa é a situação que os mais de quarenta manuscritos hoje existentes testemunham, sendo talvez inadequado falar até mesmo em restabelecimento, uma vez que é muito provável que

---

\* Professor de Língua e Literatura Italianas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil; emanuelfbrito@gmail.com.

<sup>1</sup> Estabelecer um texto significa buscar a sua reconstituição linguística original, analisando os testemunhos, fixando um estema (*stemma codicum*) com as relações hierárquicas entre tais versões e, por fim, adotando as lições mais compatíveis com o estilo, época e pensamento do autor. Isso é feito de forma a propor uma edição crítica o mais isenta possível das contaminações que o texto pode ter sofrido a partir da sua difusão. Entenda-se *lição* em sua acepção filológica, isto é, o modo como uma palavra ou uma frase se encontram escritos em um códice.

o texto nunca tenha sido verdadeiramente estabelecido por Dante. Sendo um discípulo de Virgílio, que antes de morrer quis condenar os versos incompletos de sua *Eneida* à fogueira, é pouco provável que Dante tenha promovido a leitura do *Convívio* em três partes (além do próêmio), após ter anunciado uma obra composta por quatorze tratados (*Cv I* i 14).

A tardia circulação do texto é sugerida pelo seu quase desconhecimento por parte dos primeiros comentadores, incluindo os filhos de Dante, Iacopo e Pietro Alighieri. Até mesmo Giovanni Boccaccio, que se referiu ao poeta como “o mestre do qual assumo todo o bem”<sup>2</sup>, parece não ter conhecido satisfatoriamente o *Convívio*<sup>3</sup>. Como se sabe, Boccaccio teve papel fundamental na difusão da obra de Dante, atuando como copista e como uma espécie de editor da *Divina Comédia*, da *Vida Nova*, das *Éclogas*, de parte das *Rimas* e das *Epístolas*; portanto, não há dúvidas de que ocupa um posto de suprema importância na tradição manuscrita dessas obras. No entanto, quando se trata do *Convívio*, Boccaccio o menciona apenas vagamente, referindo-o como uma obra “tão linda e louvável”<sup>4</sup>, sem tê-lo transcrito ou citado em nenhuma das suas muitas glosas aos textos de Dante.

As mais antigas menções ao *Convívio* aparecem no comentário dito *Ottimo*, incluído em dez códices da *Divina Comédia*<sup>5</sup>, transcritos a uma década de distância do grande poema e a pelo menos duas do *Convívio*. *Ottimo* cita argumentos expostos pelo poeta nas “suas próprias glosas escritas naquela sua obra a qual ele chama de *Convívio*”, e, em outro momento, se refere ao texto como “uma glosa do próprio Autor a respeito dessa matéria dos Céus”<sup>6</sup>. Na primeira menção, trata-se explicitamente das palavras de Dante (*Cv IV* xxiii 10); na segunda, o que se tem são algumas frases reunidas sem nenhuma continuidade no texto original, das quais o comentador se vale com ampla liberdade.

FLP 19(2)

<sup>2</sup> Tradução minha.

<sup>3</sup> Boccaccio (*Amorosa Visione*, VI 2-3).

<sup>4</sup> Boccaccio, *Trattatello in laude di Dante*. 1.<sup>a</sup> redação, §199: “Compuose ancora uno commento in prosa in fiorentino volgare sopra tre delle sue canzoni distese, come che egli appaia lui avere avuto intendimento, quando il cominciò, di commentarle tutte, bene che poi, o per mutamento di proposito o per mancamento di tempo che avvenisse, più commentate non se ne truovano da lui; e questo intitolò Convivio, assai bella e laudevole operetta”. Cf. Op. cit. 2.<sup>a</sup> red., § 137: “E sopra tre delle dette canzoni, come che intendimento avesse sopra tutte di farlo, compose uno scritto in fiorentin volgare, il quale nominò Convivio, assai bella e laudevole operetta”.

<sup>5</sup> Ageno (1995, p. 968).

<sup>6</sup> *Ottimo Commento*, *Inf.* I 1 [1338]: “Il mezzo del camino, cioè il mezzo corso de la vita humana nella quale noi come peregrini passiamo, si puote intendere l'etade del .xxxv. anno, sì come l'auctore medesimo dice capitolo .xxii. delle sue chiose medesime scripte in quella sua opera la quale elli chiama Convivio, sopra la canzone sua della gentilezza, dove elli fa distintione delle parte della vita humana. Quivi dice elli così, che a credere che il montamento della vita lo quale elli appella giovinezza sia infino al .xxxv. anno, è “questa ragione: che ottimamente naturato fue il nostro salvatore Christo, lo quale volle morire nel .xxxiiii. anno della sua etade; ché non era convenevole la divinitade stare in discrezione; né da credere è che elli non volesse dimorare in questa nostra vita infino al sommo, poi che stato c'era nel basso stato della pueritia”. E *Inf.* VII 77 [1333]: “e qui aducerò una chiosa per l'Autore medesimo circa a questa materia de' Cieli sopra quella sua canzona, che incomincia: Voi che 'ntendendo il terzo Ciel movete; però che in questa meglio apparirà lo intendimento suo, che s'io conducessi l'altrui chiose, o mia chiosa. Dice Dante in quella chiosa così: [...]”. Disponível em: <http://dante.dartmouth.edu>; acesso em 24 abr. 2017.

## 2 A TRADIÇÃO MANUSCRITA

Estima-se que pelo menos um século separe o original autógrafo das cópias manuscritas mais antigas hoje conhecidas, que datam provavelmente de fins do século XIV. Uma das possíveis razões pode ter sido a polêmica antidantesca ocorrida alguns anos após a morte do poeta, claro opositor à política papal, “que culminou na *reprobatio* de Bertrand du Poujet e na fogueira simbólica como os seus escritos, idealizada pelo próprio cardeal”<sup>7</sup>. Para que se tenha uma noção geral do problema, será interessante recuperar brevemente algumas questões que envolvem os manuscritos da obra e ambientar algumas questões importantes. Tendo-se presente a lista dos códices da obra (Anexo 1), pode-se observar que apenas os códices *F* e *Vb* são estimados como anteriores ao século XV; e mesmo esses possuem uma grande distância do original, uma vez que a provável data de sua escrita, como dito, está entre os anos da primeira década do século XIV. Existe também a grande probabilidade de todos os códices serem derivados de um arquétipo comum (*X*) que, como não poderia deixar de ser, é apenas uma versão reconstituída. Devido a isso, não é possível ter ideia de quão distante esse arquétipo possa estar do autógrafo de Dante, o que só dificulta o estabelecimento textual.

E, como se não houvesse complicadores suficientes, longe de serem obras uniformes, os códices refletem o ambiente histórico em que foram copiados e, muitas vezes, o caráter desatento e apressado de seus amanuenses. Esses profissionais, além de introduzirem erros de forma inconsciente no processo de absorção do enunciado, saltos ou repetições, podiam incorrer em interpretações indevidas e banalizar a lição do autor, provocando o que se chama de *lectio faciliior*, ao usar vocábulos mais comuns em seus ambientes. Além disso, não é de se ignorar as inevitáveis influências linguísticas desses mesmos copistas, que podiam adaptar aquilo que liam em vulgar florentino ao seu vulgar natal, criando novas variantes e dificuldades aos filólogos modernos<sup>8</sup>.

Desse modo, o que se tem com os códices do *Convívio* são documentos que derivam provavelmente da mesma fonte, mas que divergem bastante entre si, por conta desses inevitáveis contratemplos. A teoria mais aceita hoje acerca da complexa relação entre os testemunhos pode ser resumida no estema proposto por Ageno<sup>9</sup>:

---

<sup>7</sup> Simonelli (1970).

<sup>8</sup> Stoppelli (2012, p. 47-48).

<sup>9</sup> Ageno (1995, p. 585).

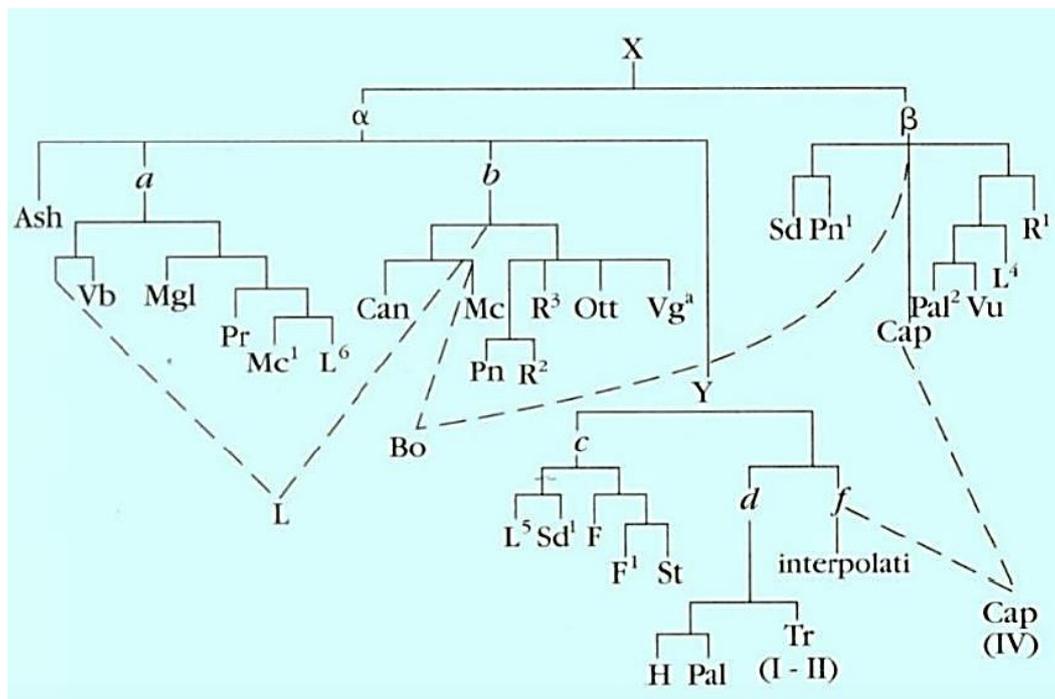


Figura 1 – Estema proposto por Ageno (1995, p. 585)

Na esteira das edições de Parodi e Moore, Ageno entende que do arquétipo *X* derivam dois ramos da tradição,  $\alpha$  e  $\beta$ . O ramo  $\beta$  compreenderia poucos testemunhos, como *Sd*, *Pn*<sup>1</sup>, *R*<sup>1</sup>, *L*<sup>4</sup>, *Pal*<sup>2</sup> e *Vu*, apesar de os códices *Sd* e *R*<sup>1</sup> mostrarem sinais de contaminação com o ramo  $\alpha$ . Também a esse ramo pertenceriam os três primeiros tratados de *Cap*, influenciado por outros códices de  $\alpha$  apenas no quarto tratado<sup>10</sup>. Já o ramo  $\alpha$  se dividiria em diversos grupos e famílias de manuscritos, não sendo essas últimas tão nitidamente distintas por causa de uma grande contaminação entre os códices e das frequentes intervenções dos copistas, principalmente aquelas com intuito de melhorar a lição. O que se tem são apenas 26 erros<sup>11</sup> comuns entre esses códices, que permitem uma identificação mais acertada<sup>12</sup>. Desse modo, o ramo  $\alpha$  se subdividiria nas famílias *a* e *b*, além do códice independente *Ash*, que apresenta um grande número de lições bem apreciadas e que podem indicar uma maior proximidade com o arquétipo. Há ainda aqueles códices que derivariam de um exemplar comum, *Y*, de onde provêm as famílias *c*, *d* e *f*. A partir do trabalho filológico desses estudiosos, é possível identificar o grande valor das lições contidas nos códices mais próximos ao arquétipo *X*; entre esses, sem dúvida, se incluem *Ash* e *Vb*. Mas não se exclua o fato de que mesmo os códices que se distanciam do arquétipo podem ter conservado testemunhos de autoridade, pela simples possibilidade, não assumida por Ageno, de derivarem de diferentes origens.

<sup>10</sup> Ageno (1995, p. 259-260).

<sup>11</sup> Vale observar que, em filologia, é possível falar em dois tipos de erro: o de autor, que deve ser notado e conservado; e o de tradição textual, corrigido quando a lição transmitida pelos manuscritos não parece aceitável.

<sup>12</sup> Ageno (1995, p. 319-336).

### 3 A TRADIÇÃO IMPRESSA

Com a invenção da imprensa em meados do século XV, inaugura-se uma nova forma de difusão intelectual, o que, para o *Convívio*, não seria diferente. Aquele século traria, além dos códices mencionados, a primeira edição impressa da obra, dando início a um novo capítulo na história da sua transmissão textual. O primeiro editor a operar essa tecnologia com o *Convívio* foi Francesco Bonaccorsi (Florença, 1490). Com o incunábulo intitulado *Convivio di Dante Alighieri Fiorentino*, deu-se início a um período de fértil atividade sobre o texto dantesco, apesar de não se ter notícias exatas sobre quais manuscritos Bonaccorsi cotejou para estabelecer a sua versão textual. Imagina-se que tenha sido algum códice do ramo  $\alpha$  similar a *Mc*, mas que tal edição dependa, em maior parte, dos códices do ramo  $\beta$ ; deve-se considerar, no entanto, que alguns dos códices usados nessa edição podem ter se perdido, sem que notícias suas tenham restado.

Ao trabalho de Bonaccorsi se seguiu o volume impresso por Antonio Zuane e os irmãos Da Sabio (Veneza, 1521), intitulado *L'amoroso Convivio di Dante: con la additione: novamente stampato*, do qual uma cópia, hoje pertencente à Biblioteca Riccardiana de Florença, traz a inscrição “As anotações deste livro são de autoria do Senhor Torquato Tasso”<sup>13</sup>. Ainda no século XVI, foram publicadas outras edições, como a de Niccolò di Aristottile, o Zoppino, e Vincenzo di Paolo, intituladas *L'amoroso Convito di Dante, con la additione & molti suoi notandi accuratamente revisto & emendato* (Veneza, 1529), assim como a homônima de Marchio Sessa (Veneza, 1531). Todas essas edições aparecem com o texto proposto pela *editio princeps* de Bonaccorsi, mas, na maioria das vezes, com algumas correções, ora com mais, ora com menos prudência.

Às primeiras edições, seguiu-se um hiato de publicações do *Convívio* por quase duzentos anos, provável consequência das duras considerações de Pietro Bembo nas *Prose della volgar lingua*, principalmente quanto ao estilo dantesco<sup>14</sup>. Mas, se o *Convívio* não gozou de tanto prestígio no século XVII, o século XVIII deu conta de trazê-lo de volta à cena editorial, com Anton Maria Biscioni, em cinco edições: a primeira com obras em prosa de Dante e Boccaccio, *Prose di Dante Alighieri e di Messer Gio. Boccacci* (Florença, 1723), também com o texto de Bonaccorsi, e, sucessivamente, em reuniões de outras obras do mesmo Dante, já com o texto revisto por esse editor (Veneza, 1741; 1758; 1772; 1793).

Do século sucessivo, há importantes contribuições dos chamados *Editores Milanenses*, que cotejaram 11 códices e apresentaram a edição intitulada *Convito di Dante Alighieri ridotto a lezione migliore* (Milão, 1826), em tiragem de apenas 60 luxuosas cópias, sendo depois reimpressa por Angelo Sicca (Pádua, 1827), com texto já revisto pelos próprios editores. Também desse período são: *Il Convito di Dante Allighieri, con*

<sup>13</sup> Simonelli (1966, p. XX, *Le postille di questo libro sono di mano del Signor Torquato Tasso*).

<sup>14</sup> Para Bembo (*Prose della volgar lingua*, 2.V, XX), o problema de estilo dantesco nasce do uso de vocábulos “rudes e desonrados”; da inserção da “magnificência e amplidão do sujeito”, ao lado de “coisas baixas e vis”; assim como da presunção de Dante ao querer ser algo “além de poeta”. Elegendo os seus modelos para afirmar um caráter *florentino* da língua italiana – Petrarca para a poesia e Boccaccio para a prosa –, a obra de Bembo, publicada em 1525, acabou por implicar um grande ônus para os estudos dantescos nos dois séculos que sucederam a sua publicação. Cf. Dionisotti (1970).

*note critiche e dichiarative di Fortunato Cavazzoni Pederzini* (Módena, 1831), que reproduz o texto de 1827, mas propõe notas e emendas; *Il Convito di Dante Alighieri e le Epistole*, de Pietro Fraticelli, inserido no Vol. III das *Opere Minori* (Florença, 1834), que se vale unicamente do códice R<sup>3</sup>; *Il Convito di Dante Alighieri*, com correções de Matteo Romani (Reggio nell'Emilia, 1862); *Il Convito di Dante Alighieri, reintegrato nel testo con nuovo commento*, de Giambattista Giuliani (Florença, 1874-1875); e *Il Convito*, parte do volume *Tutte le opere di Dante Alighieri*, revisto por Edward Moore e com índices de Paget Toynbee (Oxford, 1894). Esse último teve seu título corrigido para *Convivio* em sua 3.<sup>a</sup> edição (1904), e chegou a cotejar trinta e três códices para a 4.<sup>a</sup> (1924). No que compete ao século XIX, todas as edições desse período surgem com importantes contribuições conjecturais ou acertadas correções dos enunciados dantescos, apesar de a maioria delas ainda trabalhar com apenas uma pequena parte da tradição manuscrita; exceção, obviamente, para os *Editores Milaneses* e Moore.

Quanto ao século XX, muitas são as edições, mas poucas as que contribuíram efetivamente para as questões filológicas do *Convivio*. A maior parte dessas usaria sempre uma base textual pré-estabelecida por outro estudioso, ainda que com uma ou outra intervenção no texto. Dessa linha editorial são os volumes de: Francesco Flamini (Livorno, 1910), edição escolar feita de comentários a excertos do *Convivio*; G. L. Passerini (Florença, 1914), que, assim como o anterior, procura soluções ao texto, baseando-se sobretudo no códice L<sup>4</sup>; Giorgio Rossi (Bolonha, 1925), Pasquale Papa (Milão, 1926), Venturi Alfani (Florença, 1928), Enrico Bianchi (Florença, 1938), G. R. Ceriello (Milão, 1952), Alberto Del Monte (Milão, 1960), F. Chiappelli e E. Fenzi (Turim, 1986).

A primeira edição moderna a contribuir efetivamente para os estudos textuais do *Convivio* é a do texto crítico feito para a *Società Dantesca Italiana*, sob os cuidados de Ernesto Giacomo Parodi e Flaminio Pellegrini. Usando o método filológico de Karl Lachmann<sup>15</sup>, tal edição aparece novamente com seu título mais acertado, *Convivio* (Florença, 1921), além de somar um vasto “Índice analítico de nomes e coisas”, sob a responsabilidade de Mario Casella. O estudo de Parodi-Pellegrini representa uma transformação na ecdótica do *Convivio*, uma vez que, depois de cotejar nada menos do que trinta e nove códices, estabelece, na esteira dos *Editores Milaneses* e Moore, as diretrizes usadas atualmente para a investigação da obra. Exemplos disso podem ser vistos nas teorias ainda vigentes a respeito da origem dos manuscritos existentes em apenas um arquétipo (X), com influências do dialeto da cidade de Arezzo, e que, como mencionado, as famílias dos códices se dividem em dois ramos principais ( $\alpha$  e  $\beta$ ). Além disso, esses editores redimensionaram os valores de alguns códices, julgando *Vb* e *Ash* como mais autorais e, por outro lado, R<sup>3</sup> como menos autoral; esse último, superestimado por Fraticelli (1834). Tais teorias surgiram como a base fundamental para o modelo do estema de Ageno (Fig. 1).

Posteriormente, tendo como base o texto de Parodi-Pellegrini, Giovanni Busnelli estendeu uma ampla revisão ao texto e um comentário em dois volumes, *Il Convivio ridotto a miglior lezione* (Florença, 1934-37), cuja atenção aos problemas filológicos ficou a cargo de Giuseppe Vandelli e o estudo introdutório ficou por conta de Michele Barbi. Apesar de amplamente reconhecidas a seriedade e a

<sup>15</sup> Filólogo alemão (1793-1851), fundador do método de crítica textual que se valia exclusivamente de poucos testemunhos de segura autoridade, de forma a reconstruir genealógicamente o arquétipo e, a partir desse, o texto original.

profundidade do trabalho, tanto a revisão quanto os comentários seriam posteriormente criticados, principalmente por Nardi (1942, 1944, 1967, 1992) e Gilson (1987), pela exagerada carga de doutrina tomista que parece ter guiado os padres Busnelli e Vandelli na interpretação e, conseqüentemente, no trabalho com o texto<sup>16</sup>. Contudo, tal volume seria depois enriquecido, em sua segunda edição, com um apêndice de Antonio Enzo Quaglio (Florença, 1964), no qual há importantes considerações feitas pelo próprio Nardi diretamente a Quaglio.

Alguns anos depois, gerando polêmica nos ambientes geralmente tranquilos dos estudos dantescos, surge a edição crítica de Maria Simonelli, *Il Convivio* (Bolonha, 1966). Essa editora contrasta com muitas das posições assumidas por Parodi-Pellegrini, mas se põe em concordância principalmente com Casella (1944), no que diz respeito à preservação das lições do arquétipo, e com Pernicone (1949), quanto às influências do dialeto aretino no copista do arquétipo. Naquele momento, a maior das controvérsias se estabeleceria com André Pézard (1967) e Franca Brambilla Ageno em seus diversos artigos (1967, 1971, 1979), os quais já resultavam de estudos preparatórios para edição crítica em três tomos, publicada quase trinta anos depois de Simonelli.

A principal crítica de Ageno em relação a Simonelli dizia respeito ao fato de essa ter recuperado e defendido teses filológicas há muito abandonadas, representando um verdadeiro “passo para trás”<sup>17</sup> em relação aos *Editores Milanenses* (1826). Muito dos dissídios entre as duas editoras críticas se deu, em variados passos do *Convivio*, no entendimento de qual o melhor testemunho a adotar, mantendo uma constante tensão entre o que cada uma delas concebia como a lição genuína. As discordâncias se mostravam, sobretudo, na escolha da *lectio difficilior*, ou seja, a forma do texto representada por um vocábulo mais raro ou difícil e, portanto, com maiores probabilidades de atestar a lição exata, uma vez que poderia ter sido substituída durante o ato de copiar por uma expressão mais óbvia e banal, isto é, por uma *lectio faciliior*.

Não menos importante no que se refere à difusão da obra é o amplo comentário de Cesare Vasoli, *Convivio* (Milão-Nápoles, 1988), sendo Domenico De Robertis o responsável pelas canções. Contudo, a exemplo de Busnelli-Vandelli, essa edição atua quase exclusivamente na interpretação filosófica e teológica da palavra de Dante, adotando a base textual estabelecida em 1921 por Parodi-Pellegrini. Mas tanto Vasoli como De Robertis, além disso, optam por incorporar aos seus comentários as principais discussões sobre as questões filológicas que envolvem o texto, fazendo com que essa edição funcione como uma verdadeira enciclopédia do *Convivio*.

---

<sup>16</sup> Sendo o *Convivio* um texto de caráter essencialmente filosófico, muitos foram os comentadores que buscaram identificar as fontes do pensamento de Dante. No entanto, o trabalho dos padres dominicanos G. Busnelli e G. Vandelli (cf. *Com. Cv* 1934/1937) foi demasiadamente taxativo ao tornar o conhecimento que Dante poderia ter tido de Aristóteles (muito presente no texto) prevalentemente dependente das obras de São Tomás de Aquino. As conseqüências daquela interpretação acabaram por determinar escolhas textuais que remetem mais ao pensamento do Aquinate que de uma possível leitura que Dante poderia ter feito à época das traduções latinas disponíveis do Estagirita. Entre essas traduções disponíveis, destaquem-se aquelas a partir do árabe de Michael Scot e aquelas a partir do grego de Willem Van Moerbeke.

<sup>17</sup> Ageno (1995, p. 897).

Há ainda os comentários de alta divulgação, como aquele da edição escolar de Bruna Cordati (Turim, 1968) e o de Piero Cudini (Milão, 1980), que adotam como base textual a revisão empreendida por Busnelli-Vandelli ao texto de Parodi-Pellegrini. Além desses, há também o de Giorgio Inglese (Milão, 1993), que assume a versão textual de Simonelli, considerando o fato de ter sido aquela a última edição crítica naquele momento, mas sem deixar de incorporar várias reflexões críticas de Ageno publicadas até então. Inglese, por sua vez, não se abstém de apresentar interessantes contribuições filológicas ao lado do seu comentário didático, discutindo muitas das soluções de outros editores.

Por fim, dando continuidade à constante reedição das obras de Dante, veio recentemente à luz o comentário de Gianfranco Fioravanti (Milão, 2014), que mais uma vez recupera a tradição exegética do texto dantesco em uma ampla exposição, assim como propõe algumas revisões filológicas. Em linhas gerais, Fioravanti adota o texto estabelecido por Franca Ageno (1995) e muitas das leituras exegéticas de Busnelli-Vandelli, Nardi, Corti e Vasoli, além de suas próprias interpretações ao texto. Já é também anunciada para breve mais uma edição comentada, sob os cuidados de Andrea Mazzucchi (Ed. Salerno, Roma), a qual deverá dar “o relevo que se requer à dinâmica do texto”, buscando um equilíbrio entre o resumo doutrinário tomista do padre Busnelli e a ampla documentação de Vasoli, que parece às vezes deixar o texto de Dante “sufocado”<sup>18</sup>.

Mesmo com essa ampla documentação do *Convívio* citada, toda a problemática que envolve o seu estabelecimento faz dele um texto quase virtual<sup>19</sup>; um livro que não existe em origem, por nunca ter sido concluído, revisado ou publicado por Dante. No entanto, fornece um testemunho de extrema autoridade para o entendimento do percurso intelectual e espiritual do poeta, fazendo com que a tentativa de recompor o quebra-cabeça ao qual se equipara jamais seja em vão. Isso, mesmo que algumas das minúsculas peças tenham se perdido e não haja esperança de que sejam recuperadas senão por conjecturas.

É nesse intuito que se desenvolve o minucioso trabalho apresentado por Ageno em sua edição crítica, *Convívio* (Florença, 1995), mais uma vez para a *Società Dantesca Italiana*, cabendo aqui o destaque e uma justificativa por ter sido esse o texto de base adotado na tradução que se anuncia. Ao final de três décadas, Ageno atinge o primado de ter cotejado os 44 testemunhos existentes (excluindo *Tr*<sup>1</sup>, perdido na guerra), além da *editio princeps* enquanto mantenedora de lições de códices anteriores também perdidos. A estudiosa, mesmo acolhendo em grande parte as lições sugeridas por Parodi-Pellegrini (1921), ressalta o fato de que “é sabido que todos os códices do *Convívio* conhecidos até hoje dependem de um arquétipo bastante corrompido (X)”. No entanto, pondera que “menos sabido é que esse arquétipo é lacunoso em número de trechos muito superior ao que consideravam os editores de ’21, de modo que (...) devemos nos resignar com um texto, aqui e ali, incompleto”<sup>20</sup>.

<sup>18</sup> Malato (2004, p. 52-53).

<sup>19</sup> Reflexão desenvolvida oralmente por Guglielmo Gorni em comentário à apresentação de Sonia Gentili, nos *Atti del quarto seminario dantesco internazionale* (Gentili, 2003, p. 211).

<sup>20</sup> Ageno (1995, p. 45).

Sendo a editora também adepta do método lachmanniano, como os editores de 1921, essa conclusão deriva da primorosa recensão que ela faz de todos os testemunhos existentes, o que a leva ao exame do arquétipo corrompido e à descoberta de seis novas lacunas no texto, comuns em toda a tradição (*Cv* I xi 4, II vii 6, xiv 6, III vii 10, IV ix 10, 17). Essas, Ageno prefere não integrar senão em parte, tamanha a improbabilidade de reconstruções bem-sucedidas. Além disso, o trabalho da estudiosa possui o grande mérito de corrigir passos em analogia a outros lugares do *Convívio*, bem como às suas fontes mais confiáveis citadas pelo próprio Dante. Esse tipo de análise a leva a atuar em centenas de pequenos e grandes erros do arquétipo, resultando em um texto cujo peso das intervenções por conjectura é consideravelmente grande.

Como mencionado, Ageno o faz exatamente na linha oposta do que pregava Simonelli (Ed. 1966; 1970), que muitas vezes preferia acreditar em uma *lectio difficilior* em relação a um trecho de complexo entendimento e atuar minimamente no enunciado dantesco, seguindo fielmente as palavras de seu mestre Casella:

Conservar o máximo possível, corrigir o mínimo possível, integrar apenas quando a lacuna for evidente e a correção for necessária para devolver o texto à luz: sobre esses três princípios funda-se o dever de quem se faz um editor de textos<sup>21</sup>.

Nesse sentido, como nenhum tipo de estudo ou análise filológica está isento de críticas, é natural que surgissem dúvidas a respeito da metodologia usada nessa última edição crítica. Gorni, por exemplo, questiona a visão de Ageno sobretudo em relação à desconfiança “quase pragmática” às lições dos manuscritos do grupo *b* do ramo  $\alpha$ , mesmo quando essas poderiam ser confiáveis<sup>22</sup>. Segundo o filólogo, o simples fato de admitir hipoteticamente que do autógrafo dantesco possam ter derivado mais do que uma cópia, “duas apenas, que sejam”, já seria suficiente para aceitar grande parte do exorbitante número de lacunas e variantes que Ageno propõe ler como erro do arquétipo. No entanto, como observa Mazzucchi, esse tipo de observação, como a de Gorni, só é possível depois de contemplada a vasta e rigorosa documentação fornecida pela própria Ageno nas tabelas de cotejo de sua ampla *Introdução*, bem como no aparato crítico de sua edição<sup>23</sup>.

Assim como Gorni, De Robertis já havia falado em relação ao texto das canções, considerando não só a duplicidade de testemunho do texto, mas a própria “duplicidade do caráter do autor”, que poderia ter corrigido seu texto em um lugar e não em outro, ou apenas ter mudado a versão sem se dar conta<sup>24</sup>. É o que acontece claramente quando se observa a terceira canção do *Convívio*, na qual pode ser vista uma falta de correspondência entre o texto da abertura dos tratados e aquele da glosa do autor ao longo dos mesmos (cf. *Cv* IV i 9 v. 119 / xx 9 [nota], v. 127 / xxv 11 [nota]). Nesses casos, seria de se pensar que muito mais provável é que Dante tenha mudado o texto da canção ao assumi-lo em sua segunda função.

---

<sup>21</sup> Casella (1944, p. 29).

<sup>22</sup> Gorni (2003, p. 246-251).

<sup>23</sup> Mazzucchi (2004, p. 153).

<sup>24</sup> De Robertis (1998, p. 105-108).

Ainda sobre as canções, no que se refere aos códices consultados para esta pesquisa<sup>25</sup>, todos são uniformes quanto à sua inserção nas aberturas dos tratados, mas é de se acreditar que mesmo aqueles não consultados – isto é, a maioria – respeitem essa disposição gráfica, haja vista que a descrição introdutória de Ageno não menciona qualquer divergência entre os códices na estrutura do texto<sup>26</sup>. Talvez isso venha desde o arquetipo, não se sentindo os copistas aptos a atuar nesse tipo de emenda. Da mesma forma o fazem todas as edições, a começar por Bonaccorsi (1490), com exceção apenas para aquela de Inglese (1993), que havia proposto que os textos poéticos fossem apresentados a partir do *incipit* citado na glosa de cada uma delas, o que, sem dúvida, aproxima a estrutura do *Convívio* ao formato de prosímetro<sup>27</sup> assumido na *Vida Nova*. Decisão interessante que, na tradução que aqui se anuncia, é assumida pelos motivos apresentados adiante, mas que, estranhamente, Ageno opta por nem mesmo mencionar em nota.

Considere-se, no entanto, o fato de não ser possível saber se para Dante era realmente necessário inserir o texto das canções em algum momento da glosa, seja antes ou ao longo delas. De Robertis, nesse sentido, entende que o poeta provavelmente não tinha à mão os textos das canções e não necessariamente os teria inserido nos tratados:

É difícil não acreditar que não bastasse a Dante a sua formidável memória para chamar em causa os versos compostos por ele mesmo, de modo a explicar sobre os pontos críticos da composição. [...]. Não é possível imaginar que Dante comece os tratados sucessivos ao primeiro colocando *in carta* a canção relativa aos comentários, para tê-la à vista ao longo da exposição e oferecê-la à visão; como se faz com o prato principal de um banquete antes de iniciar os trabalhos com a faca e servir os convidados<sup>28</sup>.

FLP 19(2)

No entanto, é unânime, desde a tradição manuscrita, inserir *in carta*, como menciona o estudioso, o texto das três canções comentadas pelo autor, sempre no início dos tratados. Mas, para De Robertis, a impressão geral é de que há uma autonomia histórica e documentária da glosa em relação ao texto poético<sup>29</sup>. Com efeito, o comentário de Dante se mostra bastante preocupado em esclarecer o significado geral das canções, mas não com as formas que derivam delas quando o texto poético é desarticulado de sua origem. É de se crer que a finalidade a que os versos estão sendo submetidos, naquele momento, seja a maior prova da independência desses testemunhos; isto é, se algo está sendo esclarecido é porque não estava suficientemente claro antes desse momento e, portanto, já era conhecido antes desse momento, fruto de uma circulação autônoma.

É de se notar que a posição editorial adotada por Inglese é a única a evitar uma ruptura na narrativa por conta da evidente continuidade entre um tratado e outro. O estudioso parece estar sozinho ao considerar diretamente as palavras do

<sup>25</sup> Cf. Anexo 1.

<sup>26</sup> Ageno (1995, p. 3-41).

<sup>27</sup> Isto é, uma obra literária cuja narrativa é composta por versos seguidos de suas glosas em prosa.

<sup>28</sup> De Robertis (1998, p. 105). Tradução minha.

<sup>29</sup> De Robertis (1998, p. 112).

próprio Dante, ao dizer que “para que esse meu alimento seja mais proveitoso, antes que venha a primeira comida quero mostrar como se deve comer” (*Cv* II i 1). Assim, entendendo-se que a *comida* não pode ser senão a canção, e que o comentário é descrito como o *pão* que acompanha a *comida* (*Cv* I i 14-15), é pouco provável que as canções teriam sido apresentadas por seu autor antes de seus respectivos comentários<sup>30</sup>.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que compete à tradução que propomos, é necessário ressaltar que, sendo a questão textual tão ampla quanto debatida, decidiu-se que o texto assumido seria integralmente aquele estabelecido por Ageno (1995), como já dito, ainda que tenham sido cotejadas outras edições. Se levado em conta o fato de que o próprio Dante jamais teria revisado e publicado o *Convívio*, não caberia a uma tradução, distante não apenas da língua como das discussões filológicas, intervir nas lições e mesclar as edições críticas, de forma a tornar o texto em português mais fluente. A única exceção à base textual adotada se dá em relação à posição das canções, sobre as quais, pelos motivos mencionados acima, optou-se por adotar a postura que Inglese (1993) sugere, ou seja, a partir de seus *incipit* inseridos no comentário dantesco.

Uma última observação é feita aqui em relação às traduções do *Convívio* já existentes. Como não seria possível uma breve apresentação do tema sem um recorte muito específico, resalto apenas aquelas já feitas em nossa língua, que são três: as brasileiras, do P.<sup>e</sup> Vicente Pedroso (*O Banquete*. São Paulo: Ed. das Américas, [1950?]) e de Ciro Mioranza (*Banquete*. São Paulo: Ed. Escala, [2010?]), que, mesmo aparentando serem relativamente recentes, apresentam-se em edições pouco cuidadas e ignoram até mesmo dados editoriais fundamentais, como a data de publicação. O cenário dos volumes é ainda pior em relação às questões textuais, não havendo nesses qualquer menção à versão adotada ou qualquer tipo de consideração sobre o estado da crítica textual da obra. Em se tratando de uma obra que envolve uma quantidade imensa de tentativas de reconstruções, como se viu, isso torna essas traduções pouco confiáveis do ponto de vista filológico. A título de estudo, o leitor lusófono mais empenhado em comparar versões poderá contar também com a portuguesa de Carlos Eduardo de Soveral (*Convívio*. Lisboa: Guimarães Editores, 1992), que felizmente não incorre nos mesmos erros das outras traduções brasileiras, mas que peca por usar uma edição de ampla divulgação (B. Cordati, 1964), em que o texto do *Convívio* não é revisto por um especialista no assunto.

#### REFERÊNCIAS

Ageno FB. Riflessioni sul testo del Convivio. Studi Danteschi. 1967;XLIV:85-114.

\_\_\_\_\_. Nuove proposte per il testo del Convivio. Studi Danteschi. 1971;XLVIII:121-136.

Bembo P. Prose della volgar lingua. Introd. e notas de Carlo Dionisotti. Turim: Unione tipografico-editrice torinese; 1966[1525].

<sup>30</sup> Inglese (1993, p. 29-30).

Boccaccio G. Opere in versi; Corbaccio; Trattatello in laude di Dante; Prose latine; Epistole. Ed. Pier Giorgio Ricci. Roma: Istituto della Enciclopedia italiana; 2004.

\_\_\_\_\_ Vita di Dante. Ed. Francesco Macri-Leone. Florença: Sansoni; 1888.

Casella M. Per il testo critico del Convivio e della Divina Commedia. Studi di filologia italiana. 1944;VII:29-77.

De Robertis D. Sul testo delle canzoni del Convivio. In: Sotto il segno di Dante. Florença: Le lettere; 1998. p. 105-112.

Dionisotti C. Bembo, Pietro. In: Enciclopedia Dantesca. Istituto dell'Enciclopedia Italiana Giovanni Treccani, 1970. [citado 24 abr. 2017]. Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/pietrobembo\\_%28Enciclopedia-Dantesca%29](http://www.treccani.it/enciclopedia/pietrobembo_%28Enciclopedia-Dantesca%29).

Gentili S. Il fondamento aristotelico del programma divulgativo dantesco (Conv. I). In: Le culture di Dante. Atti del quarto seminario dantesco internazionale. Florença: Franco Cesati Ed.; 2003. p. 179-212.

Gorni G. Appunti sulla tradizione del Convivio. In: Dante prima della Commedia. Florença: Cadmo; 2003. pp. 239-251.

Malato E. Per una nuova edizione commentata delle opere di Dante. Roma: Salerno; 2004.

Mazzucchi A. Tra 'Convivio' e 'Commedia'. Roma: Salerno; 2004.

Moore E. Studies in Dante: First series. Oxford: Clarendon Press; 1896.

Nardi B. Dante e la cultura medievale: Nuovi saggi di filosofia dantesca. Roma-Bari: Laterza; 1942.

\_\_\_\_\_ Nel mondo di Dante. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura; 1944.

\_\_\_\_\_ Saggi di filosofia dantesca. 2.<sup>a</sup> ed. Florença: La Nuova Italia Ed.; 1967[1930].

\_\_\_\_\_ Dal 'Convivio' alla 'Commedia': sei saggi danteschi. Reimpresão da edição original de 1960. Roma: Istituto Storico Italiano per il Medio Evo; 1992.

Pernicone V. Per il testo critico del Convivio. Studi Danteschi. 1949;XXVIII:145-182.

Pézard A. Le 'Convivio' de Dante: Sa lettre, son esprit. Paris: Les Belles Lettres; 1940.

\_\_\_\_\_ La rotta gonna: Gloses et corrections aux textes mineurs de Dante. 'Vita nova', 'Rime', 'Convivio'. Florença: Sansoni, Paris: Didier; 1967. (Tomo I).

Simonelli M. Materiali per un'edizione critica del 'Convivio' di Dante. Roma: Edizioni dell'Ateneo; 1970.

\_\_\_\_\_ Convivio. In: Enciclopedia Dantesca. Istituto dell'Enciclopedia Italiana Giovanni Treccani, 1970. [citado 24 abr. 2017]. Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/convivio\\_\(Enciclopedia-Dantesca\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/convivio_(Enciclopedia-Dantesca)/).

Stoppelli P. Filologia della letteratura italiana. Roma: Carocci; 2012.

## ANEXO 1

### Códices

Os códices assinalados com \* se referem àqueles consultados para esta pesquisa.

<i>Ash</i>	Ashburnham 842. Bibl. Medicea Laurenziana, Florença.	Séc. XV
<i>Bd</i>	It. d.5. Bodleian Library, Oxford.	Séc. XV (1453)
<i>Br</i>	Additional 28840. British Museum, Londres.	Séc. XV
<i>Br<sup>1</sup></i>	Additional 41647. British Museum, Londres.	Séc. XV
<i>Can</i>	Canoniciano it. 144. Bodleian Library, Oxford.	Séc. XV
* <i>Cap</i>	Capponiano 190. Bibl. Apost. Vaticana, Estado Vaticano.	Séc. XV
* <i>F</i>	II.III.47. Biblioteca Nazionale Centrale, Florença.	Séc. XIV-XV
* <i>F<sup>1</sup></i>	II.III.210. Biblioteca Nazionale Centrale, Florença.	Séc. XV
* <i>F<sup>2</sup></i>	II.IX.95. Biblioteca Nazionale Centrale, Florença.	Séc. XV
<i>H</i>	Códice da Earl of Leicester Library, Holkham.	Séc. XV
<i>L</i>	XL.39. Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença.	Séc. XV
<i>L<sup>1</sup></i>	XL.40. Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença.	Séc. XV
<i>L<sup>2</sup></i>	XL.41. Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença.	Séc. XV
<i>L<sup>3</sup></i>	XC inf 3. Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença.	Séc. XV
<i>L<sup>4</sup></i>	XC sup. 134. Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença.	Séc. XV
<i>L<sup>5</sup></i>	XC sup. 135 <sup>1</sup> . Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença.	Séc. XV(1477)
<i>L<sup>6</sup></i>	XC sup. 135. Biblioteca Medicea Laurenziana, Florença.	Séc. XV
<i>La</i>	Acquisti e Doni 327. Bibl. Medicea Laurenziana, Florença.	Séc. XV (1440)
<i>Ma</i>	10258 (Prov. Osuna y Infant. 107). Bibl. Nacional, Madri.	Séc. XV
<i>Mc</i>	It. X.26. Biblioteca Nazionale Marciana, Veneza.	Séc. XV
<i>Mc<sup>1</sup></i>	It. XI.34. Biblioteca Nazionale Marciana, Veneza.	Séc. XV
<i>Mgl</i>	Magliabechiano VI.186. Bibl. Naz. Centrale, Florença.	Séc. XV
<i>Mi</i>	Códice sem catalogação, propr. família Villa, Milão.	Séc. XV
* <i>Ott</i>	Ottoboniano latino 3332. Bibl. Apost. Vaticana, Est. Vaticano.	Séc. XV (1462)
<i>Pal</i>	Palatino 181. Biblioteca Nazionale Centrale, Florença.	Séc. XV
<i>Pal<sup>1</sup></i>	Palatino 522. Biblioteca Nazionale Centrale, Florença.	Séc. XV
<i>Pal<sup>2</sup></i>	Palatino 654. Biblioteca Nazionale Centrale, Florença.	Séc. XV
<i>Pc</i>	Panciaticchiano II. Biblioteca Nazionale Centrale, Florença.	Séc. XV (1457)
<i>Pn</i>	It. 536 (Ancien fonds 7764 <sup>3</sup> ). Bibliothèque Nationale, Paris.	Séc. XV
<i>Pn<sup>1</sup></i>	It. 1014 (Ancien fonds 7768). Bibliothèque Nationale, Paris.	Séc. XV
<i>Pr</i>	Palat. 19. Biblioteca Palatina, Parma.	Séc. XV (1468)
<i>R</i>	1041. Biblioteca Riccardiana, Florença.	Séc. XV (1447)
<i>R<sup>1</sup></i>	1042. Biblioteca Riccardiana, Florença.	Séc. XV (1468)
<i>R<sup>2</sup></i>	1043. Biblioteca Riccardiana, Florença.	Séc. XV (1461)
<i>R<sup>3</sup></i>	1044. Biblioteca Riccardiana, Florença.	Séc. XV
<i>Sd</i>	Cod. 3 (ex Ginori Conti). Soc. Dantesca Italiana, Florença.	Séc. XV (1470[?])
<i>Sd<sup>1</sup></i>	(ex Gerini 30). Società Dantesca Italiana, Florença.	Séc. XV (1470)
<i>St</i>	1808. (L. it. 7) Bibl. National et Universitaire, Estrasburgo.	Séc. XV
<i>Tr</i>	1089. Bibl. dell'Archivio St. Civico e Trivulziana, Milão.	Séc. XV
<i>Tr<sup>1</sup></i>	1090. Bibl. dell'Archivio St. Civico e Trivulziana, Milão.	(Perdido na 2ª Guerra)
* <i>V</i>	Vaticano lat. 4778. Bibl. Apostolica Vaticana, Est. Vaticano.	Séc. XV
* <i>V<sup>1</sup></i>	Vaticano lat. 4779. Bibl. Apostolica Vaticana, Est. Vaticano.	Séc. XV
* <i>Vb</i>	Barberiniano lat. 4086. Bibl. Apost. Vaticana, Est. Vaticano.	Séc. XIV-XV
<i>Vg</i>	Cod. 54 (29). Coleção Ginori Venturi Lisci, Florença.	Séc. XV
* <i>Vu</i>	Urbinate lat. 686. Bibl. Apost. Vaticana, Est. Vaticano.	Séc. XV (1474-1482)

## ANEXO 2

Edições do *Convívio* de Dante Alighieri

[1490] Bonaccorsi F, editor. *Convívio di Dante Alighieri Fiorentino*. Editio princeps. Florença: Francesco Bonaccorsi; 1490.

[1793] Biscioni AM, compilador. *Delle opere di Dante Alighieri [...] contenente il Convito e la Vita Nuova*. Veneza: Pietro Gatte; 1793.

- [1826] Trivulzio G, Monti V, Maggi AM, editores críticos. Convito di Dante Alighieri ridotto a lezione migliore [Edição Milanese]. Milão: Tipografia Pogliani; 1826.
- [1831] Cavazzoni Pederzini F, compilador. Il Convito di Dante Allighieri, con note critiche e dichiarative. Módena: Tipografia Camerale; 1831.
- [1857] Fraticelli P, compilador. Il Convito di Dante Alighieri e le Epistole. Florença: G. Barbera; 1857.
- [1862] Romani M, organizador. D.A., Il Convito di Dante Allighieri emendato da Matteo Romani. Reggio nell'Emilia: Davoglio e Figlio; 1862.
- [1894] Moore E, organizador. Convivio. In: Tutte le opere di Dante Alighieri: Con indice dei nomi propri e delle cose notabili compilato dal Dr Paget Toynbee. Londres: Oxford UT; 1904.
- [1910] Flamini F, compilador. Il Convivio. In: Le opere minori di Dante Alighieri. Livorno: Giusti; 1910.
- [1921] Parodi EG, Pellegrini F, editores críticos. Convivio. In: Le Opere di Dante, SDI. Florença: R. Bemporad & Figlio; 1921.
- [1934/1937] Busnelli G, Vandelli G, revisores e compiladores, Barbi M, introdução, Quaglio AE, apêndice. Il Convivio ridotto a miglior lezione. Florença: Le Monnier; 1964.
- [1964] Cordati B, compilador. Convivio. Turim: Loescher; 1968.
- [1966] Simonelli M, editor crítico. Il Convivio. Bolonha: Pátron; 1966.
- [1980] Cudini P, compilador. Convivio. Milão: Garzanti; 2008.
- [1986] Chiappelli F, Fenzi E, compiladores. Convivio. In: Opere minori. Turim: UTET; 1986.
- [1988] Vasoli C, compilador, De Robertis D, compilador das canções. Convivio. In: Opere minori. Milão/Nápoles: Riccardo Ricciardi Editore; 1988. (Vol. 5, Tomo I, Parte II).
- [1993] Inglese G, compilador. Convivio. Milão: BUR; 2007.
- [1995] Ageno FB, editor crítico. Convivio. In: Edizione Nazionale a cura della Società Dantesca Italiana. Florença: Le Lettere; 1995. (2 Vols, 3 Tomos).
- [2014] Fioravanti G, compilador. Convivio. In: Opere. Milão: Mondadori; 2014. (Vol. 2).

FLP 19(2)